

ROTEIRO DE ESTUDOS/ATIVIDADES

UME: PEDRO II

COMPONENTE CURRICULAR: História - 8º ANO A, B e C

UNIDADE TEMÁTICA: O Mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise.

OBJETOS DE CONHECIMENTO: Revolução Francesa e seus desdobramentos

HABILIDADE: EF08HI04A, EF08HI05B e EF08HI06

PROFESSOR(ES): Carlos Roberto de Messias e Emmanuel.

PERÍODO DE 12 A 30 / 04 /2021

Enviar para o e-mail carlos01793572801@educa.santos.sp.gov.br

História	
Tema: Revolução Francesa	
Orientação	<p>I. Estou disponibilizando vários materiais para você estudar em casa: Os textos abaixo, links do site Brasil escola, do mapa mental e da videoaula para você ver e rever de acordo com seu ritmo e sua compreensão. Assim, você poderá, com mais tempo, estudar ainda mais e responder as questões que você encontrará nas atividades.</p>
Textos	<p>1. A Revolução Francesa Chamamos de charge um desenho de caráter crítico e humorístico a respeito de uma situação da vida real. Esse tipo de desenho costuma ser bastante empregado para se fazer críticas políticas. Foi assim, por exemplo, na França do século XVIII, época em que o país experimentou profundas mudanças políticas e sociais que culminaram na chamada Revolução Francesa (1789-1799). As muitas charges produzidas naquele tempo tornaram-se importantes fontes de informação para compreendermos os mais variados aspectos da população francesa e da própria revolução. Um exemplo é a charge reproduzida abaixo, chamada Despertar do terceiro estado, de 1789. Feita em água-forte, ela nos ajuda a compreender alguns aspectos da Revolução Francesa.</p> <p>Primeiro estado Na França do século XVIII, a palavra estado (ou estamento) designava os grupos sociais que compunham a sociedade. A população francesa era de cerca de 28 milhões de pessoas distribuídas em três estados. O primeiro estado era formado por cerca de 120 mil pessoas, todas do clero da Igreja Católica – cardeais, bispos, abades, sacerdotes, monges. Na charge, esse grupo está representado pelo padre que se encontra em pé, ao centro (detalhe 1).</p>



Despertar do terceiro estado, charge de autografia desconhecida, produzida no século XVIII, que representa a nobreza e o clero assustados diante da reação do terceiro estado.

O primeiro estado possuía muitos privilégios. De fato, a Igreja era dona de 20% das terras e recebia o dízimo dos fiéis. Além disso, os membros do clero não pagavam impostos, estavam isentos do serviço militar e tinham direito a julgamento em tribunal próprio.

Segundo estado

O segundo estado abarcava cerca de 400 mil pessoas. Parte eram os representantes da chamada nobreza de sangue, ou seja, os grandes proprietários de terras que detinham títulos de nobreza herdados de seus antepassados: duques, marqueses, condes, viscondes, barões. A outra parte desse grupo era formada por burgueses ricos que compravam títulos de nobreza.

Terceiro estado

O terceiro estado abrigava 98% da população francesa, ou seja, cerca de 27,5 milhões de pessoas. Nele estavam reunidos diferentes grupos sociais, como a alta e a média burguesia, os trabalhadores rurais e os trabalhadores urbanos.

A alta burguesia era formada por pessoas muito ricas, como banqueiros e comerciantes.

Abaixo dela estava a média burguesia, constituída por profissionais liberais – como médicos, professores e advogados – e comerciantes médios.

Os trabalhadores rurais, ou camponeses, representavam cerca de 80% da população francesa. Alguns eram livres, mas havia também muitos servos, ou seja, pessoas sem liberdade plena e que estavam presas às terras de seus senhores (os nobres). O grupo dos trabalhadores urbanos, cerca de 200 mil pessoas, era composto de artesãos, trabalhadores da construção, desempregados, entre outros.

Essa parte mais pobre da população urbana da França do século XVIII era conhecida como sans-culotte. Os culotes eram calções masculinos justos que iam da cintura até os joelhos, usados pelos nobres. Os trabalhadores, ao contrário, vestiam calças compridas largas feitas de pano grosseiro. Daí a expressão sans-culotte, ou seja, sem culote. Os sans-culotte tiveram papel fundamental na Revolução, na qual formariam a ala mais radical.

2. A população se revolta

O terceiro estado sustentava os outros dois grupos por meio do pagamento de impostos. Era da burguesia grande parte do dinheiro que o rei tomava emprestado sempre que os cofres públicos esvaziavam. Na charge, o terceiro estado é representado pela figura do homem caído começando a se levantar. Com a mão direita, ele quebra a corrente que o prende enquanto, com a esquerda, segura um fuzil. Diante desse “despertar”, os representantes do primeiro e do segundo estado recuam apavorados.



Na época em que foi feita a charge que estamos analisando, a França

passava por uma grave crise econômica. Para piorar, a partir de 1785, a França sofreu ora com secas, ora com inundações. Como resultado, a produção agrícola foi afetada, diminuindo a oferta de alimentos.

A fome atingiu o campo e a cidade.

Sem comida, muitos camponeses passaram a destruir os castelos, atribuindo aos nobres a responsabilidade pela péssima situação do campo.

Em Paris, assim como em outros centros, os trabalhadores urbanos começaram a fazer greves. Todo esse contexto de revoltas populares ajuda a entender o simbolismo da imagem que mostra um representante do terceiro estado se libertando e pronto para pegar em armas para lutar contra essa situação de opressão.

3. Estados Gerais, o começo da revolução

Tentando encontrar uma solução para a crise, o rei Luís XVI convocou a Assembleia dos Estados Gerais, um órgão consultivo formado por representantes dos três estados e que desde 1614 não se reunia.

Embora cada estado participasse da Assembleia com vários representantes, o voto para tomar decisões era por estado, cada um deles tinha direito a um voto apenas. A intenção do clero e da nobreza (que juntos contabilizavam dois votos) era obrigar o terceiro estado (dono de um voto) a assumir novos impostos para solucionar a crise.

Os trabalhos da Assembleia dos Estados Gerais tiveram início no começo de maio de 1789 em um salão do Palácio de Versalhes. Erguido nas proximidades de Paris, o palácio era uma das residências do rei e de sua corte, e era o centro de poder na França desde 1682.

No dia da abertura da Assembleia dos Estados Gerais, o terceiro estado exigiu que a contagem dos votos fosse por pessoa, e não por estado. Como o clero e a nobreza não aceitaram a proposta, os representantes da burguesia e do povo passaram para outra sala do Palácio de Versalhes, decididos a ficar reunidos ali até que seus objetivos fossem alcançados.

No dia 9 de julho, o terceiro estado se autoproclamou Assembleia Nacional Constituinte. O objetivo do grupo era elaborar uma Constituição, algo que não estava nos planos do governo absolutista do rei Luís XVI.

4. Queda da Bastilha

De longe, a população de Paris acompanhava os acontecimentos em Versalhes. Logo correu a notícia de que o rei pretendia dissolver a Assembleia, indignando a população parisiense que resolveu tomar as ruas.

Na madrugada de 14 de julho de 1789, uma multidão invadiu os arsenais e se apoderou das armas ali encontradas. Em seguida, marchou para a Bastilha, fortaleza que servia de prisão para os que caíam no desagrado do governo.

A fortaleza da Bastilha era um dos símbolos mais odiados do regime absolutista. Por isso, foi um dos primeiros lugares dos quais a população revoltosa se apoderou.

Na imagem que estamos analisando, vemos ao fundo um grupo de soldados indo em direção ao lugar (detalhe 1). Repare que, no alto das torres da Bastilha, já há pessoas ocupando o prédio (detalhe 2). Até hoje o 14 de julho, dia da Queda da Bastilha, é comemorado como data nacional na França.

Sem conseguir controlar a situação, o rei reconheceu a Assembleia Nacional Constituinte. Em 4 de agosto de 1789, a Assembleia aboliu as leis feudais ainda em vigor no país e decretou o fim dos privilégios da nobreza e do clero. Além disso, no dia 26 do mesmo mês, proclamou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.



Fonte: Seriacopi, Gislane Campos Azevedo. Inspire história: 8o ano: ensino fundamental :anos finais / Gislane Campos Azevedo Seriacopi, Reinaldo Seriacopi. – 1. ed. – São Paulo: FTD, 2018.

Leia o texto e responda as questões.

Nem tão livres, nem tão iguais


“Os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos”. O Artigo Primeiro da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão cairia bem em qualquer discurso da classe política atual. Mas foi escrito há mais de dois séculos pelos revolucionários franceses de 1789. E, naquela época, os conceitos de liberdade e igualdade não eram compreendidos da mesma forma que hoje.

[...] Em seu monumental tratado *Do espírito das leis* (1748), o Barão de Montesquieu [...] explica que, numa sociedade regida por leis, ser livre não significa fazer tudo o que poderíamos desejar. [...] Ou seja, ser “livre” diz respeito não apenas à vontade, mas também ao dever. O arbítrio – isto é, a decisão sobre o que deve ser feito – jamais se manifesta fora da alçada do direito. Em sua definição lapidar:

“A liberdade é o direito de fazer tudo o que as leis permitem”.

[...] Na França do Iluminismo, o que está em questão é o estatuto político e social do homem, cuja existência depende das relações estabelecidas com os outros homens. Ser livre, nesse sentido, é ser livre relativamente aos outros, de acordo com as leis da sociedade. Ideia que

Atividades

<p>Atividades</p>	<p>permanece na sabedoria popular: “Minha liberdade termina onde começa a do outro”. Eis uma noção elementar de justiça.</p> <p>KAWAUCHE, Thomaz M. Nem tão livres, nem tão iguais. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 9, n. 104, p. 30-31, maio 2014.</p>  <p>1. Leitura de imagem Observe a posição de cada indivíduo na cena e responda:</p> <ol style="list-style-type: none"> Quem são os indivíduos representados? Quem está servindo de “cavalinho” e quem está montado? O que está sendo comemorado? Qual o significado da “nossa vez” na legenda? Com base no que você estudou, relacione a imagem ao processo da Revolução Francesa. <p>Na legenda da imagem está escrito: “Eu sabia muito bem que chegaria a nossa vez”.</p> <p><i>Figura 11L savois ben qu'jaurions not tour</i></p> <p>Fonte: https://bit.ly/2Rvje5f</p> <p>2. Chamamos de alegoria uma imagem ou um conjunto de imagens que representam uma ideia. Por exemplo: uma mulher de olhos vendados segurando uma balança é considerada uma alegoria da Justiça. Agora que você já sabe o que é uma alegoria. Use a criatividade e elabore uma alegoria que expresse sua opinião sobre algum aspecto da sociedade brasileira atual. Atribua um nome a sua alegoria.</p>
<p>Onde encontro o conteúdo</p>	<p>Videoaula - A Crise do Antigo Regime Disponível em: https://bit.ly/3flz8ZP Acesso em 11 abril 2021.</p> <p>MAPA MENTAL: A Revolução Francesa Disponível em: https://bit.ly/3d9rcJv Acesso: 11 abril 2021</p> <p>Site Brasilecola – Revolução Francesa Disponível em: https://brasilecola.uol.com.br/historiag/revolucao-francesa.htm Acesso em 11 abril 2021</p>